

Priscilla Lopes d' El Rei 

*Universidade Eötvös Loránd de Budapeste/*

*Universidade de Bielefeld*

*priscilladelrei@gmail.com*

## **Literatura e poesia marginal contemporânea no Brasil**

**A periferia na voz de Sérgio Vaz e Ferréz**

### **Resumo:**

No Brasil, a segregação urbana é uma das faces mais importantes da desigualdade social e parte promotora da mesma. Essa segregação, junto a um sentimento político-social, unido ao posicionamento marginal de alguns grupos sociais, culminou no surgimento de uma rede de produção cultural independente cuja novidade consiste na representação e divulgação da identidade local. Dentro destas manifestações encontra-se a Literatura Marginal. Nesse tipo de literatura, os próprios autores das obras são marginalizados por uma sociedade que não lhes dá ouvidos ou voz para falar e, na forma de escrever, encontraram um modo de mostrar sua revolta e a busca por reconhecimento social e étnico. O objetivo deste artigo é apresentar um pouco desta produção literária dos últimos 20 anos no Brasil, suas peculiaridades de formas e temas.

**Palavras-chaves:** Literatura Brasileira; Literatura Marginal; Literatura Periférica; Arte Marginal

### **Abstract:**

**Contemporary Marginal Literature and Poetry in Brazil – The Periphery in the Voice of Sérgio Vaz and Ferréz**

In Brazil, the urban segregation is one of the most important aspects of social inequality. This segregation, along with a political-social feeling coupled with

the marginal positioning of some social groups, culminated in the emergence of an independent cultural production network whose novelty consists in the representation and dissemination of local identity. Marginal Literature is one of these manifestations, in this type of literature, the authors of the works are marginalized by a society that does not give them ears or voice. They found in writing a way to show their revolt and the search for social and ethnic recognition. The purpose of this article is to present a little of this literary production of the last 20 years in Brazil, its peculiarities, forms and themes.

**Keywords:** Brazilian Literature, Marginal Literature, Peripheral Literature, Marginal Art

## Introdução

Em primeiro lugar faz-se necessário um entendimento do significado da palavra marginal em língua portuguesa e mais especificamente no Brasil. Partamos então das definições encontradas no dicionário Houaiss de língua portuguesa. “Marginal: 1. relativo a margem(...); 2. Que se encontra ou vive às margens de rios ou de outras águas;(...)” (Houaiss, 2009). A oitava, e última acepção para a palavra marginal, que trata do significado em relação às pessoas diz: “que ou quem vive à margem da sociedade, desconsiderando a lei e a moral, delinquente, fora da lei, criminoso.” (Houaiss, 2009). No Dicionário online de Português<sup>1</sup> é também a última acepção, a de forma figurada, a relativa aos que vivem fora do centro: “Pessoa que foi excluída da sociedade ou prefere viver fora dela; vive à margem da sociedade; quem não aceita leis ou se opõe à moral; que não respeita leis; que é criminoso: sujeito marginal”. No Brasil essas acepções figurativas, apesar de serem as últimas apresentadas, formam a primeira imagem que vem à cabeça quando se ouve a palavra marginal, sendo também uma forma usada como ofensa pejorativa. Isso se dá, muito provavelmente, pelo tamanho da sociedade marginal que se formou nos últimos séculos no Brasil, não só pela dimensão física, mas também pelo número de

---

<sup>1</sup> [on-line] <https://www.dicio.com.br/marginal/>.

pessoas e pela imensa desigualdade existente, o que torna mais visível a fronteira entre a margem e o centro.

O escritor marginal pode ser aquele que escreve sobre a margem sem a ela pertencer<sup>2</sup>, o que era o mais provável desde o surgimento da literatura marginal brasileira na década de 70, mas também é aquele que, da margem, retrata sua própria realidade, optando também, geralmente, por uma escrita mais marginal em forma e conteúdo.

Nas últimas duas décadas, temos uma grande proliferação das artes e da literatura marginal ou periférica. Esse fenômeno da periferia das grandes cidades brasileiras, sobretudo São Paulo ganhou a atenção da mídia e da crítica especializada. Mas, mais do que “notícia” e “objeto de estudo”, essa literatura vem modificando o processo de produção, recepção e circulação da obra literária, “deslocando-se das posições canônicas acerca do conceito, da função e da relação da literatura com a sociedade”. (Oliveira, 2011: 31)

Nos dias atuais, essa expressão cultural no Brasil é um exemplo de resistência e produções de novos sentidos políticos. As manifestações culturais suburbanas, mostram algumas propostas e mudanças na sua estrutura tanto na criação como na divulgação da arte. Na contemporaneidade, o sentimento político-social unido ao posicionamento marginal destes grupos sociais culminou no surgimento de uma rede de produção cultural independente cuja novidade consiste na representação e divulgação da identidade local.

Não é o que acontece com os escritos “da” periferia (e não “sobre” a periferia), os quais transformam tanto o foco da representação da vida marginal, como conferem um novo *ethos* à produção literária e cultural, apresentando-se como uma resposta aos discursos daqueles que falam no lugar dos marginalizados. (Oliveira, 2011: 33)

---

<sup>2</sup> Concordando com a explicitação de Rejane Pivetta de Oliveira em seu artigo, do ponto de vista estético, marginal também é a literatura que foge ao cânone e a normatização e faz parte de toda a história da literatura, na qual se revezam as vozes da “margem” e do “centro”. Todavia, a esse artigo, interessa mais o aspecto sócio-cultural do termo, já que é o aspecto principal do movimento artístico-literário em questão.

Em áreas onde há a ausência de equipamentos de mercado cultural a produção e manifestação de artistas e grupos periféricos, como o hip-hop, o grafite, a “literatura marginal” e o *Slam-poetry* chegam para preencher esses espaços. Nesse tipo de literatura, na escrita, os próprios autores das obras são marginalizados por uma sociedade que não lhes dá ouvidos ou voz para falar e encontraram, na forma de escrever, um modo de mostrar sua revolta e a busca por reconhecimento social e étnico (Dalcastagnè, 2012: 13). Dentro da Região Metropolitana de São Paulo, onde a urbanização precária pode ser verificada, uma manifestação cultural independente muito organizada e desenvolvida.

### **A arte da periferia para a periferia**

Como já mencionado acima, esta arte apresenta uma forma distinta: portadora de uma linguagem coloquial, com uso de palavras e construções escritas que destoam à norma culta, utilizando-se da própria linguagem das periferias urbanas. Apresenta também um apelo mais visual (desenhos, fotos nos livros), usam o grafite, que também serve como uma forma de protesto com recorrência de gírias do hip hop e das periferias. Como exemplificação utilizar-se-á as manifestações culturais e literárias da periferia paulistana, mais especificamente, a Semana de Arte Moderna da Periferia que aconteceu no ano de 2007.

Para falar sobre a Semana de Arte Moderna da Periferia é preciso falar antes do Poeta Sérgio Vaz e da Cooperifa, desta forma destacando o sistema no qual ele e o movimento estão inseridos, se torna mais fácil entender o movimento num todo. Sérgio Vaz é poeta, escritor e agitador cultural, nasceu no norte de Minas Gerais, mas migrou ainda criança com a família para São Paulo e mora atualmente no bairro de Pirajussara no município de Taboão da Serra. Estudou toda sua vida em escola pública, começou a trabalhar ainda muito novo, aos 13 anos de idade, primeiro com

pequenos serviços no empório do pai e em seguida desempenhando as funções de ajudante geral numa marcenaria, auxiliar de escritório, auxiliar de cobrança, vendedor de produtos eletrônicos e assessor parlamentar

até se dedicar exclusivamente às atividades culturais (vendendo livros, promovendo e participando de eventos) com as quais se sustenta desde 2004 (Um breve currículo, s.d.: 1).

Muito influenciado pela MPB, escreveu seu primeiro livro em parceria com a poeta Adrienne Mucciolo em 1984 *Subindo a ladeira mora a noite*.

A Cooperifa teve início 2000, quando um grupo de amigos, entre eles poetas, fotógrafos, músicos e artistas plásticos, decidiu ocupar o espaço de uma fábrica desocupada no município de Taboão da Serra, na Grande São Paulo. Após a fábrica ser vendida, o grupo passou a se reunir em um bar o “Garajão” até que surgiu a ideia de um sarau semanal. O primeiro foi realizado em outubro de 2001 e apenas 17 interessados compareceram, mesmo assim, resolveram continuar com o projeto. “Desde 2003, o palco dos poetas da Cooperifa é o “Zé Batidão”, um bar situado na Zona Sul de São Paulo. Sempre às quartas-feiras, no horário das 21h às 23h, os saraus atraem, em média, 150 interessados em declamar textos literários ou em prestigiar as performances.” (Nascimento, 2009: 7).

A ideia é construir um espaço de interação social e cultural, não apenas como movimento artístico, mas também social, “é uma forma de resistir” (VAZ, Planeta Cidade – TV Cultura apud. Miranda, 2011: 03) e ainda criar um espaço com “algum objetivo na construção de uma cultura que identificasse e representasse a periferia” (Vaz, 2008: 81).

A criação deste e de outros movimentos artísticos periféricos começou a ganhar repercussão na mídia, a literatura periférica começa a ganhar espaço no centro. No ano de 2001, 2002 e 2004, a revista Caros Amigos lança edições especiais sobre a literatura marginal e a cultura periférica, levando os poetas a uma notoriedade que foi crucial para o desenvolvimento da ideia da Semana de Arte Periférica. Segundo Nascimento:

(...) foi por meio delas que escritores periféricos se reuniram em torno do projeto estético de retratar as singularidades de suas experiências; bem como do projeto ideológico de conferir nova significação à periferia, quer

seja pela valorização da cultura de tal espaço, quer seja pelas intervenções pragmáticas que visam estimular a produção, o consumo e a circulação de produtos culturais (2009: 5).

No ano de 2007, há uma efervescência dos saraus e das formações coletivas de arte, integrantes da Cooperifa, Sérgio Vaz e alguns amigos, decidiram se juntar com outros agentes culturais e artistas da região para a realização de uma semana de arte aos moldes de 1922. Oitenta e cinco anos depois, a semana “contou com a participação de cerca de 300 artistas e coletivos das áreas de literatura, teatro, dança, música e cinema” (Nascimento, 2009: 1). Segundo Sérgio Vaz, dessa vez, tinha que ser uma semana produzida na periferia, pelos artistas da periferia e, principalmente, para a periferia.

“Antes eram os intelectuais que escreviam sobre a periferia. Hoje, alguns dizem que não sabemos escrever. Estamos chegando agora pra aprender, depois de 500 anos”, diz Sérgio Vaz, de 43 anos. “A arte sempre foi o pão do privilégio. Agora é servida no café-da-manhã da periferia. Com menos manteiga, talvez, mas arte. Nossa literatura tem menos esses, menos crases, mas é literatura. Agora que escrevemos sobre nós, o que os intelectuais vão fazer? Que comam brioches!” (Aspas do Original) (Brum, 2007: 2)

Além do nome, os artistas da periferia também fizeram uma releitura do cartaz, da fotografia de seus organizadores e do Manifesto Antropófago, escrito por Oswald de Andrade.



Como se pode notar na representação do cartaz, na versão de 22, idealizada por Di Cavalcante, temos um arbusto seco, apenas com algumas flores, simbolizando o terreno inóspito, no qual a arte moderna teria de nascer e se estabelecer, já na releitura deste para a semana da arte periférica, idealizado pelo artista periférico Jair Guilherme, vemos uma árvore grande e frondosa, cheia de flores, o que pode ser interpretado como o crescimento desta árvore que deu flores na periferia, por outro lado, essas manchas vermelhas, que a princípio são interpretadas como flores, também gotejam e caem, o que pode ser relacionado com gotas de sangue, representando a opressão, violência e morte; elementos constantes da vida na periferia.

A versão periférica do manifesto foi publicada no blog de Sérgio Vaz dois meses antes da semana, em 15 de setembro de 2007, e também na revista *Época* da mesma data (Nascimento, 2009: 13). O manifesto é um documento que sintetiza a situação cultural na periferia, anuncia as aspirações trazidas através da arte e também aponta os problemas e os “inimigos” que impedem o desenvolvimento da mesma na periferia. É uma denúncia, mas também uma provocação.

A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. Dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune. Eis que surge das ladeiras um povo lindo e inteligente galopando contra o passado. A favor de um futuro limpo, para todos os brasileiros. A favor de um subúrbio que clama por arte e cultura, e universidade para a diversidade. (...) Contra a arte patrocinada pelos que corrompem a liberdade de opção. Contra a arte fabricada para destruir o senso crítico, a emoção e a sensibilidade que nasce da múltipla escolha. A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza. (...) Contra a barbárie que é a falta de bibliotecas, cinemas, museus, teatros e espaços para o acesso à produção cultural. (Manifesto Da Antropofagia Periférica, 2007)

O texto denuncia principalmente a segregação sofrida pela periferia, que promove uma profunda desigualdade social, abandonado pelas autoridades e com difícil acesso geográfico à infraestrutura dos centros urbanos. O Manifesto dos Antropófagos periféricos é muito mais do que sobre estética, é um manifesto político e social. Sergio Vaz explica os pontos principais:

1) Somos periféricos

“Ninguém gosta de esgoto a céu aberto nem de barraco. Mas nós queremos mudar a periferia – e não da periferia.”

2) Criamos nosso mercado

“Nós produzimos a nossa arte. Estamos criando um outro mercado, o nosso. Vamos comprar nossos CDs, nossos livros, nossos filmes.”

3) Sabemos consumir

“Ninguém nos diz o que devemos consumir. Não podemos boicotar o Cirque du Soleil porque nunca tivemos dinheiro pra pagar. Mas podemos boicotar Ivete Sangalo, livro de auto-ajuda, um monte de coisas. Não queremos nossas filhas dançando na boquinha da garrafa nem cantando Festa no Apê. Nem nossos filhos precisando de tênis Nike. Nós boicotamos o pirata, porque não somos cidadãos de segunda classe, e boicotamos o original porque é ruim ou é caro ou não precisamos.”

4) Queremos educação



“Revolução sem r é evolução. Queremos escola de qualidade. Não preparamos a saída pela arte. Não dá pra todo mundo virar artista. As ONGs querem ensinar o povo a cantar e a dançar. A gente não agüenta esse discurso ongueiro, que pega R\$ 1 milhão pra ensinar a batucar. TV, pra nós, é entretenimento. Nos preocupa a televisão que educa. Queremos escola que eduque. Se a escola educar, nossos filhos vão saber ver TV.”

5) O artista tem de ser cidadão

“Queremos artista comprometido com a comunidade. Não queremos arte que imbeciliza, teatro que quando acaba dá pra comer pizza, música que vende guaraná de manhã, macarrão à tarde e carro às 15 pras 8. Somos contra artista enriquecer.” (Época, 2007: 4-5)

O movimento, assim especificado por Sérgio Vaz, deseja mudar a periferia, deseja afastá-la da alienação imposta pelos meios de comunicação de massa e pelo condicionamento vindo do centro, que até então, tenta determinar o que seria a periferia e sua arte. “Pela primeira vez na História, em alto e bom som, o pobre afirma seu desejo e direito ao consumo dos mesmos bens materiais e simbólicos, historicamente usufruídos apenas pelas classes médias e altas” (Holanda, s.d.).

As atividades aconteceram durante toda a semana e cada dia foi dedicado a uma linguagem artística distinta (artes plásticas, dança, literatura, cinema, teatro e música), excetuando o domingo, no qual ocorreu a “caminhada cultural”, que percorreu 5km e convidou a população para participar do encerramento que ocorreu no Instituto Umoja, grupo de pesquisa de manifestações artísticas afro-brasileiras (Nascimento, 2009: 12).

A Cooperifa continua com seus saraus e movimentos artísticos e tentam desta forma, desmistificar as imagens negativas espalhadas pela mídia sobre a periferia e seus moradores, mas também promover dentro da própria periferia atividades que reforcem sua identidade cultural de forma positiva e tentam dessa forma suprir as lacunas deixadas pela falta de estrutura e descaso dos governantes. Para encerrar esta primeira parte, cito ainda alguns projetos desenvolvidos pela organização como: “Poesia contra a Violência”; “Futebol e Poesia”; e “Poesia nos Muros”. Neste último, poesias foram distribuídas pelos muros

do Capão Redondo, Parque Lago, Jardim Ângela e vários bairros da região. Quinhentos lambe-lambes com 11 frases diferentes foram colados em paredes, pontos de ônibus e pontes locais.



**MEU  
CORAÇÃO  
É CHEIO DE  
PASSAROS.  
POR ISSO  
NUNCA  
ME DEI BEM  
COM GAIOLAS.**  
#POESIA NOS MUIROS POETA SÉRGIO VAZ



### **Literatura Marginal – a periferia retratada por ela mesma**

Como exemplo dessa literatura marginal, apresentaremos o escritor Ferréz e sua obra mais conhecida, *Capão Pecado*. Esse livro teve uma grande repercussão ainda antes de ter sido lançado em 2000,

por ter sido escrito por um morador desempregado da periferia da zona sul paulista, o bairro Capão Redondo, o 2º mais perigoso da cidade<sup>3</sup>. O que causou esse estranhamento vindo da mídia, é que essa forma cristalizada, a literatura, estava sendo utilizada, vinda de uma região, onde raramente se discutia ou lia literatura. Ou pelo menos, era o que se esperava, como explicita Heloisa: “Na nossa fantasia perversa aceitamos que o pobre sonhe com um Nike, mas não com Flaubert” (Holanda, s.d.).

Ferréz (1975) (nome de guerra de Reginaldo Ferreira da Silva), é escritor, roteirista e ensaísta, reconhecido pelo teor crítico de suas obras. O primeiro livro, *Fortaleza da desilusão* (1997) uma produção independente que continha poesias concretas. Em sua pluralidade literária escreveu ainda literatura infantil, como *Amanhecer Esmeralda* (2005), e novelas gráficas, como *Inimigos não levam flores* (2006). Comanda o “Litera-Rua” que representa uma nova (e alternativa) vertente cultural, de produção, divulgação e comercialização de obras com estética urbana, mesclando elementos da cultura de periferia. Trata-se de um ramo literário, especializado em “literatura de rua”. Diversas obras são comercializadas através de uma livraria virtual, a [www.literarua.com.br](http://www.literarua.com.br), na qual podem ser encontrados livros, vídeos e revistas, todos produzidos por artistas no movimento hip-hop e de outras culturas periféricas. Em 2000, surge o livro *Capão Pecado*, seu livro mais famoso. Baseado em suas próprias experiências, o livro traz um refinado e impactante retrato de Capão Redondo, um dos bairros de maior índice de violência, tráfico de drogas e criminalidade de São Paulo, onde Ferréz cresceu e mora até hoje. Mas Ferréz não foi o primeiro, nem o único autor deste espaço criminalizado, entre 1990 e 2000, houve algumas publicações de algumas obras que traziam como tema o cotidiano da vida na periferia, “tendo como autores,

---

<sup>3</sup> 2014 – 2º Bairro mais violento de São Paulo (Revista Exame – <https://exame.abril.com.br/brasil/os-10-bairros-mais-violentos-de-sao-paulo/>). Capão Redondo: Quantidade de homicídios dolosos 44; Posição no ranking de homicídios 2º; Quantidade de latrocínios 4; Posição no ranking de latrocínios 3º; Quantidade de estupros 86; Posição no ranking de estupros 1º; Quantidade de roubos 4.339; Posição no ranking de roubos 2º.

majoritariamente, homens pertencentes a esses grupos sociais desprivilegiados” (Marques, 2010: 18).

Em 2001, concebeu com a revista *Caros Amigos* um projeto para uma edição especial que recebeu o nome de *Caros Amigos – Literatura Marginal*. Como criador, organizador e editor chefe, o “projeto tinha como objetivo divulgar e fomentar a produção literária das periferias” (Velloso, 2007: 10). “Este é um produto desenvolvido e criado 100 por cento na periferia. Todos os artistas que participaram deste projeto representam a verdadeira cultura popular brasileira. (...) Do gueto para o gueto, nada mais verdadeiro” (Ferréz apud. Velloso, 2007: 10).

Através de sua fala, podemos concluir que o objetivo por trás de suas obras, é o mesmo do escritor Sérgio Vaz, a arte da periferia para a periferia. Ao ser indagado por um repórter sobre a eficiência de seu trabalho sobre a vida das pessoas, se ele realmente acha que seus livros podem mudar a periferia, Ferréz comenta: “Eu tenho prova [de que isso é possível] todas os dias. Tem gente aqui que já está na segunda faculdade e o primeiro livro que leu foi o meu. Eu não sou salvador de ninguém. Mas não sou o contraexemplo também. O cara não vai me ver fumando maconha na rua, batendo na minha mulher. Eu lido com criança também (...)” (Ferréz – El país 2005 entrevista).

O autor acredita na literatura combativa e na função social do artista e, embora saiba que nem todos os escritores sigam essa teoria, afirma que na periferia é diferente, lá é preciso bons exemplos que fujam do cotidiano periférico.

Na dedicatória da primeira edição, torna-se clara a denúncia social, Ferréz deixa claro a quem se direciona o livro “a todas as pessoas que não tiveram sequer uma chance real de ter uma vida digna; que não puderam ser cidadãos, pois lhe impediram de ter direitos, mas lhe foram cobrados deveres” (Ferréz, 2000: 11). Ferréz quer que o livro seja da comunidade e do ser periférico, mesmo que não consigam lê-lo, pois nunca aprenderam a ler, ou se já faleceram por falta de hospitais e tratamento apropriado, ou mortos por policiais mal treinados quando “sucumbiram a vontade de ter algo melhor”.

O que surpreende nos livros de Ferréz é a inversão do lugar da violência. Em vez de ser tema da narrativa, a violência é apenas

o entorno, a condição de vida de personagens comuns. É isso que causa um choque para o leitor que não vive nos cenários do crime e termina promovendo uma forma de identificação ou, pelo menos, entendimento, do personagem agressor, ainda não conhecida na nossa literatura, por outro lado, para os moradores da periferia, eles se veem, pela primeira vez, retratados sem a estereotipação midiática, reconhecem seu entorno, e isso promove a reflexão sobre os problemas locais e possíveis soluções.

Por literatura marginal, Ferréz entende como a busca de um espaço para aqueles que vivem na margem: “Literatura marginal é aquela feita por marginais mesmo, até por cara que já roubou, aqueles que derivam de partes da sociedade que não têm espaço” (Ferréz, apud. Holanda, s.d.).

As primeiras edições de *Capão Pecado* foram lançadas pela editora Labortexto. A editora Objetiva assumiu a distribuição da obra em 2005, mas suprimiu todas as 37 fotografias presentes nas edições anteriores, essas fotos podem ser consideradas um capítulo à parte, pois contêm imagens que retratam e denunciam os locais e o cotidiano periférico que serve de palco para a história de Rael, um garoto muito pobre que se muda muito jovem com a família para o bairro de Capão Redondo. Um adolescente que leva uma vida bem humilde e carrega o perfil de muitos, “Filho de pai alcoólatra e mãe faxineira, ele tenta, pelo caminho político e moralmente correto, fazer sua vida num ambiente miserável, violento e precário, onde a ética, a moral e os bons costumes, lugares do sujeito pleno, não são a regra” (Velloso, 2007: 13). Trabalha em uma padaria e com seu dinheiro ajuda a mãe. É através da ótica dessa personagem que tudo acontece e o leitor tem a chance de percorrer o cotidiano da vida nesta região: “o risco permanente da vida, as dificuldades financeiras, o desemprego, as relações sociais instáveis, um cenário de miséria, violência, mortes, drogas e criminalidade, além de um espaço físico-geográfico insalubre ou pouco desejável para se viver” (Velloso, 2007: 13).

Além de expor a realidade local, *Capão pecado* também é um veículo de reflexão sobre a vida, sobre as pessoas e suas formas de agir, através não apenas do texto em si, mas também de certas

peculiaridades do próprio livro, como as fotos já acima mencionadas, e dos textos espalhados pelo livro, desde a orelha, até o entre capítulos. Em *Capão Pecado*, há a presença de vários textos de escritores e músicos (rappers) convidados advindos da periferia de Capão Redondo como; Negredo, Gaspar, Mano Brown, Cascão e etc. Apresentando discursos que dialogam com a narrativa e representam uma coletividade de vozes.

Um dos pontos principais desta temática, está a comparação do eu e o outro, contrapondo a periferia com o centro, como pode ser visto no seguinte trecho:

(...)Não tendo escolha, Rael tomou um banho rápido, se arrumou e foi para o bairro da Liberdade. (...) Ele tinha nojo daqueles rostos voltados para cima, parecia que todos eles eram melhores do que os outros. (...) Chegando ao mercado de seu Halim, o pão-duro já o havia visto de longe e já estava contando o dinheiro para lhe dar. Rael se aproximou e Halim nem o cumprimentou, só entregou o dinheiro e disse que o serviço de sua mãe estava lhe custando muito dinheiro. Rael não respondeu nada, só guardou o dinheiro no bolso, disse obrigado e se retirou. Mas Halim notou algo em seu rosto, algo estranho, talvez por um momento Halim tenha visto nos olhos daquele simples menino periférico um sentimento de ódio puro e tenha sentido por algum momento que um dia o jogo iria virar. Pegou o primeiro ônibus, desceu no terminal Capelinha e lá pegou o Jardim Comercial. Conforme o ônibus avançava, ele se sentia melhor, se sentia mais em casa. Era constante o pensamento de que seu amigo Ratão estava certo, talvez ele descolasse uma granada, era só chegar no mercado do Sr. Halim e explodi-lo com toda sua ganância, mas como sempre ele relevava e dizia a si mesmo ser loucura tal ato.

Entregou o dinheiro para sua mãe, correu para o tanque, lavou o rosto como uma forma de desabafo, como se estivesse se lavando dos olhares daquelas pessoas hipócritas. Foi para seu espaço naquela pequena casa, pegou um livrinho de bolso de faroeste e começou a ler. Era uma terapia para ele, uma forma de esquecer aquelas pessoas tão preocupadas consigo mesmas a ponto de não notarem as pequenas coisas, os pequenos momentos, que às vezes trazem tanta felicidade. (Ferréz, 2000: 34-36)

Rael demonstra um incômodo muito grande ao sair da periferia e ir até um bairro central, no caso a Liberdade, bairro habitado pela classe média<sup>4</sup> e que já representa um abismo da perspectiva periférica da personagem e que geograficamente significa quase duas horas divididas em dois ônibus interligados por um terminal urbano. A distância é física e psicológica e causa não apenas um incômodo para a personagem, mas também para aquele que lê.

Em seu excerto, inserido antes do primeiro capítulo, o rapper e escritor Mano Brown também ressalta este contraponto ao escrever que “Capão Redondo é onde a foto não tem inspiração para cartão-postal. Os turistas não vêm gastar os dólares e os poetas nunca nem sequer ouviram falar, (...)” (Brow em Ferréz, 2000: 24).

Sobre as peculiaridades de Capão Pecado, a linguagem é um fator crucial. O texto carrega as marcas da linguagem periférica, contendo gírias, expressões e palavrões que muitas vezes dificultam o entendimento dos leitores de outra região.

Cebola avisou que o palco estava armado, e que os burgos nunca saia na correria à toa, alguma coisa tava pegando pro lado do Will e que desconfiava que haviam sido os manos da Paraisópolis que tinham contratado o Burgos pra fazer o serviço: afinal as bocas não podem se dar ao luxo de ficar com prejuízo, porque senão os negócios despencam: é só um nóia saber que tal mano comprou na boca, não pagou, e nada aconteceu, que tá feito o boato que os chefes da boca não tão com nada. O respeito tem que prevalecer. (Ferréz, 2000: 46)

O primeiro a ser notado são os apelidos, é muito comum que na periferia, as pessoas, principalmente as envolvidas em atividades ilícitas, não sejam conhecidas pelo seu nome real. Cebola, Panetone, Zoião, Sapo, passam a ser a marca da pessoa. Expressões como: “sair na correia” (realizar algo); “boca” (lugar onde se vende droga); “nóia” (vem

---

<sup>4</sup> Num bairro de elite seria impossível e até um perigo caminhar pelas ruas, caso garotos de aparência simples e pele escura sejam encontrados por um policial perambulando pelas ruas de bairros “nobres”, eles são rapidamente abordados e, na maioria das vezes, retirados da área de forma violenta.

da palavra paranoia, sujeito que não se controla mais devido ao vício em algum tipo de droga) e lugares típicos da periferia como Paraisópolis, bairro favelizado da zona sul de São Paulo, tornam o texto difícil para aqueles que vivem fora da periferia. Fato esse que representa uma estranha ironia, tornando assim o texto periférico tão difícil aos letrados, como Machado de Assis seria para o cidadão médio da margem.

Capão Pecado é um romance de crítica, denúncia e inclusão, abordando a literatura dentro de uma perspectiva inédita. Um entre muitos que vieram junto e que se seguiram a esse. Um romance que “desvalida a grande narrativa metropolitana e moderna de inclusão e cooptação para contar uma história diferente, ou melhor, de diferença” (Dos Santos, s.d.: 6).

Esse artigo não pretendeu em nenhum momento chegar a uma conclusão sobre a literatura marginal dos últimos 20 anos nas grandes metrópoles brasileiras, mas espera ter suscitado a curiosidade para esta forma literária e espera inspirar pesquisadores fora do território nacional a voltarem os olhos para essa literatura, oferecendo assim novas perspectivas e interpretações oriundas de outras realidades.

### Referências bibliográficas

- BRUM, E. (2007), “Os novos antropófagos”, *Revista Época*, [on-line] <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR79089-6014,00.html> – 15.11.2018.
- DALCASTAGNÈ, R. (2012), “Um território contestado: literatura brasileira contemporânea e as novas vozes sociais”, *La littérature brésilienne contemporaine Iberic@l. Revue d'études ibériques et ibéro-américaines*, 2, pp. 13-18 [on-line] <http://iberical.paris-sorbonne.fr/wp-content/uploads/2012/03/002-02.pdf> – 15.11.2018.
- DOS SANTOS, C. C., “Capão Pecado: Uma Referência”, [on-line] [http://www.lettras.ufrj.br/neolatinas/media/publicacoes/cadernos/a9n6/carolina\\_santos.pdf](http://www.lettras.ufrj.br/neolatinas/media/publicacoes/cadernos/a9n6/carolina_santos.pdf) – 15.11.2018.
- FERRÉZ (2000), *Capão Pecado*, 2 ed., Labortexto editorial, São Paulo.
- FERRÉZ (2005). “Até hoje eu não sei o que é pior: a igreja ou a droga”, *El País*, entrevista concedida a Marina Rossi e Antônio Jimenez Barca, [on-line]



- [https://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/21/cultura/1429627864\\_042387.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2015/04/21/cultura/1429627864_042387.html) – 15.11.2018.
- HOLLANDA, H. Buarque de, “As fronteiras móveis da literatura”, [on-line] <http://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/?p=67> – 15.11.2018.
- HOLLANDA, H. Buarque de, *Literatura Marginal*, [on-line] <https://www.heloisabuarquedehollanda.com.br/literatura-marginal/>.
- HOUAISS, A., VILLAR, M. S. (2009), *Dicionário Houaiss de Língua Portuguesa*, Elaborado pelo Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda, Objetiva, Rio de Janeiro.
- MARQUES, L. A. (2010), *Pacto em Capão Redondo: Das margens para o centro do texto, do texto para o interior do homem*, USP, São Paulo.
- MIRANDA, W. S. (2011), “Literatura marginal: representações da linguagem e (re)significação do imaginário coletivo”, *Darandina Revisteletrônica. Anais do Simpósio Internacional Literatura, Crítica, Cultura V: Literatura e Política*, [on-line] <http://www.ufjf.br/darandina/files/2011/08/Literatura-marginal-representa%C3%A7%C3%A3o-da-linguagem-e-resignifica%C3%A7%C3%A3o-do-imagin%C3%A1rio-coletivo.pdf> – 15.11.2018.
- NASCIMENTO, É. P. do, *Apontamentos Sobre Estética e Política na Semana de Arte Moderna da Periferia*, XIV Congresso Brasileiro de Sociologia 28 a 31 de julho de 2009, Rio de Janeiro (RJ) [on-line] <http://docplayer.com.br/42424867-Apontamentos-sobre-estetica-e-politica-na-semana-de-arte-moderna-da-periferia.html> – 15.11.2018.
- OLIVEIRA, R. P. de (2011), “Literatura marginal: questionamentos à teoria literária”, *Ipotesi, Juiz de Fora*, 15(2) - Especial, pp. 31-39, [on-line] <http://www.ufjf.br/revistaiptesi/files/2011/05/7-Literatura.pdf> – 15.11.2018.
- RESENDE, N. O. de (s.d.), “Sobre vanguardas e periferias”, *Revista Época*, [on-line] <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDR79070-5856,00.html> – 15.11.2018.
- VAZ, S., “Manifesto da antropofagia periférica”, [on-line] <http://coleccionadorpedras.blogspot.com/2007/10/manifesto-da-antropofagia-perifrica.html> – 15.11.2018.
- VELLOSO, L. M. (2007), *Capão Pecado - sem inspiração para cartão postal*, UFMG, Belo Horizonte.